

**Centro de Estudos do Pragmatismo – Programa de Estudos Pós-Graduados em
Filosofia
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo
[Número 1 - 2004]**

Sinestesiologia e A Lei da Mente

Vera Helena Geraige Zatiti

UNESP

vhzatiti@ig.com.br

RESUMO: Tendo como objeto de investigação científica a sinestesiologia - termo criado para definir, neste trabalho de pesquisa, o estudo da sinestesia, sob um enfoque semiótico e pragmático - e como principal suporte teórico a semiótica peirceana, a comunicação “Sinestesiologia e A Lei da Mente” visa a tecer um diálogo entre algumas idéias constantes do texto *A Lei da Mente* - um dos mais expressivos artigos de C. S. Peirce, publicado em *The Monist*, em 1892 - com fundamentações provenientes de outras áreas do conhecimento, como as neurociências, a biologia, a comunicação, a filosofia, entre outras ciências, de modo a analisar o fenômeno da percepção e da comunicação sinestésicas, mediante procedimentos lógico - abduativos, que possibilitem divisar a manifestação sinestésica sob um prisma científico, ao invés de apresentá-la superficialmente, como mera curiosidade. As idéias da extensão espacial e da continuidade intensiva das sensações, presentes no citado artigo de Peirce, associadas ao conceito filosófico de sinequismo e à concepção de comunicação por afecção, permitem compreender a condição sinestésica como uma potencialidade vivente sob as espessas camadas de hábitos que condenam o ontológico ao invólucro. No entanto, enquanto potencialidade, a sinestesia traz a possibilidade do despertar e do dialogar das modalidades sensoriais estanques e anestesiadas pelo condicionamento cultural e pelos ditames de uma civilização visual que distorce e secciona o sentir em sua totalidade.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; percepção; pragmatismo; semiótica; sinestesia.

Synesthesias Study and the Law of Mind

ABSTRACT: *Having as object of scientific research the synesthesias study, in a Semiotics and pragmatic approach, and the Peirce Semiotics as the main theoretical support, the communication “Synesthesias Study and the Law of Mind” intends to create a dialogue between some constant ideas of the text “The Law of Mind” - one of the most important articles by C. S. Peirce, published on The Monist, in 1892- with basis originating from others knowledge areas like Neurosciences, Biology, Communication, Philosophy, among others sciences whose purpose is the analysis of the synesthesisal phenomenon in perception and communication through the abduction and logical procedures, that can make out the synesthesisal expression in a scientific prism, instead of to show it in a superficial way, just as a curiosity. The ideas of space extension and intensive continuity of sensations, written by Peirce in his article, associated with the philosophical conception of synechism and the conception of communication by affectation giving us a comprehension of a synesthesisal condition as a living potentiality under the thick layers of habits that condemn the ontological to the covering. However as a potentiality, the synesthesias brings the possibility of a waking and a dialogue between the stemmed sensory modalities and anaesthetized by a cultural condition and rules of a visual civilization that distort and make a section of the feeling in its complete sense.*

KEY WORDS: *communication; perception; pragmatism; semiotics; synesthesias.*

0. Introdução

Tendo como objeto de investigação o estudo da sinestesia e como principal suporte teórico, a semiótica, esse trabalho visa a articular, mediante um processo lógico-abdutivo, algumas idéias presentes no texto *A Lei da Mente (The Law of Mind)*, de C. S. Peirce, um dos artigos publicados em *The Monist*, em 1892, com estudos contemporâneos que versam sobre comunicação e percepção sinestésicas, de modo a evidenciar o pragmatismo imanente na teoria peirceana.

Etimologicamente, a palavra sinestesia é composta pelo prefixo grego *syn*, significando “junto”, e *aisthesis*, “sentido”, “sensação”, “percepção”, sendo compreendida como fusão, intersecção ou diálogo entre duas ou mais modalidades sensoriais. A sinestesia constitui-se como par antitético de “anestesia” - também do prefixo grego de negação *an* + a raiz *aisthesis*, com o mesmo significado acima anotado, denotando, em seu conjunto, a idéia de ausência de sentidos, percepção ou sensações - e, progressivamente, ascende, de mera curiosidade, a objeto de relevantes estudos científicos. Fazendo referência à sinestesiologia - como é definido, neste trabalho de pesquisa, o estudo da sinestesia -, encontram-se, no citado artigo de Peirce, idéias como a da continuidade intensiva e a da extensão espacial das sensações, as quais, à luz do conceito filosófico de sinequismo, *continuum* ou continuidade, demonstram que o sentir, na protosseiose, ou seja, no princípio, na origem de todo o processo de seiose, apresentava um infinitesimal de variações, mediante a conexão ou combinatórias de sentidos que transcendiam, então, os limites dos nossos previstos cinco sentidos, supostamente, hoje, estanques. Com o desenvolvimento da mente humana e os conseqüentes artificialismos e seccionamentos do cultural, o homem especializou algumas modalidades sensoriais, priorizando, principalmente, a visão, enquanto os demais sentidos, como dormentes, recostaram-se sob as camadas e os recortes que recobrem o mundo ontológico, o ser em si.

Mas, diante do sinequismo, lei da continuidade, e do princípio de comunicação como afecção, entende-se que o sentir propaga-se no tempo, no espaço, em qualquer porção de matéria, num contínuo infinitesimal. Assim sendo, o homem, ser de percepção e comunicação sinestésicas, desde sua gênese, resgata, de modo instintivo, essa intersecção vivente das potencialidades de seus órgãos sensoriais e abandona o estado anestésico a que vem submetendo-se numa civilização que lhe impõe “modos de ver” e lhe tolhe o diálogo do sentir.

1. Bases teóricas

Os pensamentos aqui expostos têm suas raízes fincadas nas idéias, sobre sinestesia e comunicação, apresentadas em *A Lei da Mente*, de Peirce (1988)¹, e na visão pragmática evocada pelo semioticista. A partir do conceito de sinequismo ou *continuum*, ele expõe o princípio de comunicação como afecção, segundo o qual as idéias tendem a propagar-se de forma contínua e a afetar outras idéias que apresentem uma relação peculiar e associativa com as anteriores. Porém, posta tal afirmação, vale ressaltar que uma idéia não pode reproduzir-se, transferir-se, integralmente, para outra mente, pois, ao propagar-se, encontra outro tempo, espaço e estado de consciência, onde ocorrem outras associações, mediante alinhavos analógicos dados por contigüidade ou semelhança. Pode-se entender, portanto, que essa propagação das idéias pressupõe um encadeamento de formas sígnicas que se impregnam, em um processo de semiose, contínuo e infinito, no qual essas mesmas idéias, ao se propagarem e se expandirem, perdem a especificidade e ganham em generalidade, misturando-se com outras, numa geração de múltiplos interpretantes.

A continuidade das idéias pode ocorrer pela própria consciência ser contínua, assim como pelo momento presente ser metade passado, mediante presentificações de um tempo pretérito, e metade futuro, devido às pressuposições do porvir. A consciência, segundo Peirce, pode ser desdobrada, infinitesimalmente, sendo também desdobráveis seus conteúdos. Há, então, um fluxo contínuo de inferências, referências e reminiscências infinitesimais, na mente do intérprete, em um processo de semiose infinito, que nem sempre segue a linearidade do tempo real.

O semioticista ora citado sublinha, também, que a continuidade supõe quantidades infinitesimais, recordando que a palavra “infinitesimal” se reporta à forma latina de “infinitésimo”, isto é, um ordinal formado de *infinitum*, como o centesimal, de *centum*. Dessa forma, ele ressalta que uma sensação imediata é a sensação que se dá em uma duração infinitesimal, a qual contém o presente instante, que, por sua vez, abarca o passado e o futuro, como já apontado anteriormente. Não obstante, cabe demonstrar que, na lei da mente, o tempo tem uma direção de fluxo definida, do passado ao futuro, de modo que o conceito de sinequismo seja teleológico. Esse é o princípio de semiose na teoria peirceana, em que um signo gera outro e mais outro signo, *ad infinitum*. Explanados tais conceitos e idéias, pré-requisitos para o desenvolvimento do estudo

¹ Ano referente à publicação do artigo na tradução, ao espanhol, de José Vericat.

sobre comunicação e percepção sinestésicas, ao que esse artigo visa, é possível adentrar, mais detalhadamente, no âmbito das sensações, como objeto de semiose.

Peirce trata, em *A Lei da Mente*, da extensão espacial das sensações. Ele explicita que uma porção qualquer de protoplasma não difere radicalmente dos conteúdos de uma célula nervosa, já que em tudo há a capacidade de sentir, em situação de excitação. Quando um determinado conjunto, em repouso e rígido, recebe um movimento ativo, este, gradualmente, difunde-se para outras partes. Nessa ação, não se pode discernir nenhuma unidade, nem em relação a um núcleo ou outro órgão unitário, pois se trata de um contínuo amorfo de protoplasma, com o sentir propagando-se de um lugar a outro, infinitesimalmente. Essa atividade não avança às novas partes com a mesma rapidez com que abandona as anteriores, pois essa velocidade decai a uma lentidão maior do que a da expansão, mas, mesmo, em um ritmo mais vagaroso, a sensação continua a espalhar-se. Essa mesma massa, excitada em outro ponto, pode desencadear um segundo estado de excitação, completamente independente. Em alguns locais, pode nem se dar a excitação; em outros, pode ocorrer, separadamente, em cada um deles; em outros, os efeitos podem, ainda, somar-se, provocando um acúmulo sensorial. A partir dessas observações, Peirce conclui que, em todos os fenômenos, existe o sentir, comprovando a idéia de que as sensações têm extensão espacial. Porém, nossas sensações centram-se em nossa atenção apenas até certo grau, pois as nossas idéias não evocam uma unidade absoluta por se terem alijado da idéia primeira e original, por meio de um encadeamento analógico, como mencionado anteriormente, o qual delega-as, muitas vezes, a um estágio genérico. A atenção, então, perambula, vagueia por nossas sensações. E o semiótico expõe, enfim, que, por ser contínuo o espaço, ocorre uma comunidade imediata do sentir entre as partes da mente que se encontram, infinitesimalmente, próximas umas das outras, o que incide, de certa forma, no fenômeno da sinestesia, que, como apontado anteriormente, é gerado pela intersecção de duas ou mais modalidades sensoriais. Por exemplo, se diante de um estímulo auditivo, que, pelo condicionamento cultural e pelo hábito, estaria dirigido à audição, ocorrer o despertar subversivo de outra modalidade sensorial, como a visão, a olfação, entre outras, realizar-se-á uma percepção sinestésica. Logo, tendo em vista as manifestações sinestésicas, comprovam-se a potencialidade da extensão espacial das sensações e sua continuidade intensiva ao longo do espaço e do tempo, pela afecção entre toda e qualquer porção de matéria.

Resgatando a idéia de sinequismo, ou continuidade teleológica, já abordada, como uma das leis fundamentais da mente, retoma-se a idéia de comunicação cósmica, na qual o homem não seria senão uma de suas células, manipulando, recebendo e interagindo com as demais. Para defendê-la, Peirce diz que matéria não é algo morto, mas mente envolta em hábitos, capaz de diversificar-se, e que, nessa diversificação, há vida. Quando uma idéia (um fenômeno ou acontecimento) transmite-se de uma mente a outra, isso só se realiza por meio de formas de combinação de diversos elementos da natureza, pela junção, por exemplo, de uma tonalidade suave com um odor refinado, o que confere à idéia um estado corpóreo e sinestésico, com maior poder de afecção. São as idéias encarnadas; ganham uma espécie de materialidade por meio de formas, cores, espessuras, texturas, dimensões, odores, gostos, temperaturas, volumes, brilho e opacidade, o que suscita sensações mentais e corpóreas. Desde a visão e o ouvido, cuja excitação dá-se mediante vibrações mais complexas, até as sensações menos psíquicas e periféricas, como a da pressão, aparentemente mais simples, implicam certa complexidade quando consideradas as moléculas e suas atrações, de maneira que essas sensações se comuniquem, por continuidade e afecção, aos nervos, espalhando-se pelo corpo e provocando determinadas reações. Com isso, pode-se concluir que há comunicação entre todas as partículas cósmicas e que as mentes, enquanto matéria, inserem-se, também, nesse processo comunicacional, engendrando uma mente fluida, geral e cósmica, dada pela afecção e pelo sinequismo.

Considera Peirce, portanto, que a lei mental segue as formas da lógica, sendo a dedução, a indução e a hipótese (abdução) as três principais categorias de inferência lógica. Observa que, na dedução, a mente se encontra sob o domínio de um hábito, ou associação, em virtude da qual uma idéia geral sugere uma reação correspondente. No entanto, o semiótico acrescenta que essa idéia suscita uma determinada sensação e, por conseguinte, a essa sensação se seguirá uma reação. Dessa forma, por indução, estabelece-se um hábito, ou seja, as sensações, presas a uma idéia geral, são seguidas, uniformemente, de uma mesma reação. O hábito, assim, firma-se como uma especialização da lei da mente, pela qual uma idéia geral obtém o poder de suscitar reações. Pode ser entendido como uma forma inferior de manifestação psíquica, similar ao modo de raciocinar das pernas de uma rã, continuando a movimentar-se quando separadas do resto do corpo. Entretanto, com o intuito de que essa idéia geral alcance toda sua funcionalidade, Peirce expõe que ela deve ser sugerida também pelas sensações, o que ocorre mediante um processo inferencial - hipotético, ou seja, por uma

indução a partir das qualidades. Um exemplo seria diferenciar um inglês de um alemão pelas características gerais, psicológicas e físicas, ao encontrar-se com um desconhecido e, do diálogo com ele, inferir sua nacionalidade, a partir da seleção de um certo número de características.

A mente, para Peirce, atua de modo similar a esse processo, cada vez que coordena relações de um modo particular, tanto quanto ao executar qualquer ato que requeira habilidade, como, por exemplo, o de mover as mãos simultaneamente em direções opostas, traçando círculos paralelos, pois, para aprender a fazê-los, é preciso atentar às diferentes ações, das diferentes partes do corpo, até que, de repente, adquira-se uma concepção geral dessa ação, que a torne fácil de ser praticada. Esse é o processo mental empregado, muitas vezes, quando se aprende a falar uma língua ou se adquire uma simples habilidade, como a de amarrar o cadarço do sapato.

Nenhuma ação mental, por seu caráter, parece ser necessária ou invariável para Peirce, no entanto, se a mente reagir a uma dada sensação, o mais provável é que volte a agir da mesma maneira, posteriormente. A mente não está sujeita a leis, no mesmo sentido rígido em que está a matéria, visto que, sem uma certa arbitrariedade em sua ação, estaria morta, petrificada. Ao tornar-se hábito, uma sensação qualquer provoca uma impressão de tênue constatação, pois, se notada, isso só acontece sob um novo ponto de vista. As sensações fluem conjuntamente no contínuo do sentir, imprimindo, cada uma, peculiaridades nesse fluxo do sentir, mas, de certa forma, tornando efêmeras tais singularidades em face das generalidades que se afirmam com a propagação.

Para Peirce, não se pode formar, hoje, mais do que uma débil concepção da continuidade das qualidades mutáveis intrínsecas do sentir. O desenvolvimento da mente humana provocou a dormência, a anestesia de, praticamente, todas as sensações, exceto dos cinco sentidos ora conhecidos. Originalmente, supõe-se que todas as sensações estavam conectadas da mesma maneira e que o número de dimensões era interminável. O desenvolvimento implicou em limitação de possibilidades. Mas, mesmo diante de um número determinado de dimensões do sentir, todas as variedades possíveis podem ser obtidas, recombinação das intensidades dos diferentes elementos, ocorrendo, dessa forma, a continuidade intensiva das sensações.

Conclui-se, então, que o homem é um ser de comunicação e percepção sinestésicas, pois seu corpo é uma grande célula, recebendo, manipulando e emitindo sensações, muitas vezes até de modo inconsciente, estando, não obstante, em meio a um processo

de afecção comunicacional, que se engendra, continuamente, no tempo e no espaço, em termos de idéias, sensações e reações, entre todas as partículas cósmicas.

2. Sinestesiologia e *A Lei da Mente*

Segundo Ramachandran e Hubbard (2003: 49), têm-se investigado, com mais afinco, as origens da sinestesia desde 1880, quando Francis Galton, primo de Charles Darwin, publicou um artigo, na *Nature*, conceituada revista de divulgação científica, sobre o assunto. No entanto, em geral e durante muito tempo, o estudo da sinestesia, que, sob uma abordagem semiótica, como já pontuado, neste trabalho recebe a denominação de sinestesiologia, não representava mais que uma investigação curiosa, a qual sempre apontava relações com a presentificação de momentos passados ou com experiências cognitivas subjetivas, como, por exemplo, a associação de um dado número a uma determinada cor, ocorrendo tal registro em decorrência da lembrança, muitas vezes inconsciente, de um cartaz exposto em uma certa sala de aula ou de um brinquedo pedagógico em que cada número era de uma cor.

Nessa visão sinestesiológica, também há a possibilidade de se estudar um encadeamento de objetos e signos que se impregnam entre si. Por exemplo, um perfume (sensação olfativa) pode remeter a uma música (sensação auditiva) que remonte a um espaço-tempo que retrate pessoas, cores, objetos, vestuários, clima, comidas (sensações visuais, táteis, térmicas, gustativas). A sinestesia, desse modo, pode fluir de associações devido a semelhanças com o ontológico ou ser apreendida pelo hábito ou convenções culturais. Exemplos: sentir cheiro de hortelã e o sentido da visão ser despertado pela idéia da coloração verde; ou a cor marrom, sensação visual, conduzir ao sabor de chocolate, ou um perfume de cor azul pressupor um aroma suave, mas nunca amadeirado ou de raízes. Determinados elementos se portam de maneira indicial e toda essa trajetória consiste em uma presentificação do momento instintivo do processo de sinequismo, em que o homem não era senão um todo complexo e nada especializado, quanto à percepção sinestésica. A diferença entre esse momento primordial do homem e o atual é que, hoje, já matizado pela especificidade dos órgãos sensoriais, esse processo inverteu-se, e o ser humano não percebe mais, com contundência, as suas complexidades fusionistas.

Ainda tentava-se explicar as sinestesias, apontando que os sinestetas estariam recorrendo a metáforas, ao dizer: “voz doce” (diálogo entre as sensações auditiva e

gustativa), “gosto que apunhala o estômago” (fusão das sensações gustativa e tátil), entre outras expressões empregadas corriqueira, e, principalmente, literariamente, o que traduziria uma abordagem da sinestesia sob um ponto de vista artístico. Estudos contemporâneos atestam, inclusive, que “a sinestesia é sete vezes mais comum em pessoas criativas que na população em geral” e que “uma característica compartilhada por muitas pessoas criativas é a habilidade em utilizar metáforas” (2003: 53). Porém, manifestações sinestésicas na arte em geral, em linguagem verbal, não-verbal ou sincrética, mediante uso de metáforas ou outros recursos expressivos, assim como associações ocorridas por experiências cognitivas subjetivas ou, até mesmo, por convenção cultural ou relação com o mundo ontológico são consideradas por alguns estudiosos como pseudo-sinestésias (BASBAUM, 2002: 27).

Estabelece-se, ainda, desde há muito tempo, a relação de sensações sinestésicas com o uso de drogas psicoativas, como o LSD, a mescalina, entre outras classificadas como alucinógenas. No entanto, há pesquisas de ponta que investigam os processos cerebrais que poderiam evidenciar as reais causas da sinestesia. Basbaum (2002: 27) aponta estudos em que a sinestesia é dada como adquirida em razão de disfunções neurológicas, por caráter patológico, como, por exemplo, as decorrentes de lesões óticas; ou indicada como constitutiva, ou seja, de origem neurológica, mas inata. Ramachandran e Hubbard (2003: 51) acrescentam que seus estudos resgatam “que os sinestetas estão experimentando o resultado de algum tipo de fiação cruzada no cérebro”, idéia que, segundo os pesquisadores, foi proposta há, aproximadamente, um século. Porém, a retomada da concepção da fiação cruzada representa, agora, um avanço rumo à identificação das partes do cérebro em que isso poderia ocorrer e de que formas, o que envolve a investigação e a compreensão de fatores neurobiológicos. O exemplo, a seguir, pode conceder maior concretude a essa afirmação: “sentir sabores pelo toque [...] poderia ser decorrência do cruzamento de fiação entre o córtex do paladar, na região denominada ínsula, e o córtex adjacente que representa o tato pelas mãos” (2003: 51). Acrescem que há componentes genéticos na disfunção e que, talvez, uma mutação promova conexões entre áreas cerebrais usualmente segregadas ou podas defeituosas de conexões preexistentes entre regiões geralmente conectadas, de forma bastante esparsa, o que poderia esclarecer os mais diferentes tipos de sinestesia.

Os pesquisadores (2003: 51) ressaltam que pode, ainda, ocorrer a sinestesia se estiverem corretas a fiação e as conexões entre as regiões cerebrais, mas comprometido o equilíbrio químico das substâncias que circulam entre tais regiões. Qualquer

assimetria poderia fazer com que regiões cerebrais vizinhas inibissem a atividade umas das outras, o que seria caracterizado como uma ativação cruzada. Pode ocorrer o desequilíbrio químico, de forma menos habitual, entre regiões mais alijadas, o que denotaria formas de sinestésias menos comuns.

Como manifestações sinestésicas mais recorrentes destacam-se: números, letras, unidades de tempo, sons (falados, musicais etc), sabores, cheiros e dores que evocam cores. Entre os tipos de sinestesia de menor incidência estão, por exemplo, sabor que evoca som ou temperatura, cheiro que alude a temperatura, entre outros. Exemplos intrigantes, para leigos ou mesmo estudiosos da sinestesia, são relatos como: “Esmeralda Jones (pseudônimo) vê azul quando ouve um dó sustenido tocado ao piano. Outras notas evocam nuances diferentes – tanto que as teclas de seu piano estão realmente codificadas em cores” (2003: 49); Carol Steen rompeu, numa praia, um ligamento da perna esquerda “e o mundo se tornou alaranjado, como se houvesse um gel sobre a cena. Rochas alaranjadas, água alaranjada, um marido alaranjado correndo para ajudar-me”, ou sinto-me “abandonado em minha própria ilha privada de ‘p’ amarelo pálido, quinta-feira turquesa e ‘v’, cor de vinho” (LEMLEY, 2000).

O pintor russo Wassily Kandinsky, que expressou, em sua arte sinestésica, uma estreita e imensurável relação entre a música e a pintura, escreveu certa vez sobre os sinestetas: “estas pessoas altamente sensíveis são como os bons violinos... vibram em todas as suas partes no contato com o arco” (LEMLEY, 2000). Por sua vez, Carol Steen, uma artista norte-americana e sinesteta, declara que as letras, os números, os sons e as dores evocam uma grande variedade de cores e acrescenta: “Para mim, é como se vocês vissem o mundo em branco e preto” (*op. cit.*).

Mediante essas citações, reitera-se, como já ressaltado anteriormente, que a sinestesia, de uma forma geral, remete à idéia peirceana da extensão espacial das sensações, pois o comando de um órgão sensorial é ativado e a excitação se propaga para os demais órgãos, ocorrendo, assim, a intersecção entre os sentidos, seja pela fiação ou pela ativação cruzada das regiões cerebrais. Cabe apontar que as pesquisas sobre sinestesia vêm apontando que, manifestando-se um tipo de condição sinestésica, há a propensão para o desenvolvimento de outros. Nesses casos de sinestesia múltipla, percebe-se que a afecção e o redimensionamento perceptivo alcançam o seu ápice.

As investigações científicas contemporâneas sobre sinestesia conduzem, também, à reafirmação da idéia de Peirce sobre a continuidade intensiva das sensações. Os sinestetas constituem uma prova concreta das múltiplas possibilidades de

redimensionamento do sentir. Seus sentidos, não segregados, propõem combinatórias e variações de intensidade incomuns e subversivas, sob o ponto de vista da dormência sensorial a que a grande maioria da espécie humana vem submetendo-se. Salienta-se que o termo “dormência”, divisando o conceito de sinequismo, acomoda-se melhor do que a idéia de perda ou ruptura das conexões das regiões cerebrais, ao tratar-se da percepção e comunicação sinestésicas.

O convencionalismo cultural e o desenvolvimento da mente humana provocaram, como exposto, a especialização de algumas modalidades sensoriais, havendo, principalmente, a priorização da visão, em detrimento das demais. Em *Teleantropos*, Pimenta (1999: 285) expõe que, em nossa sociedade há a predominância do exercício contínuo da visão, ocorrendo a predominância desse órgão sensorial em 70%. Acrescenta que “com Gutenberg, a visão passou a ser, gradualmente, o órgão sensorial privilegiado”. Strunck (1989: 9) destaca que “em se tratando de comunicação, somos cada vez mais uma civilização visual. O homem moderno, concentrado em cidades poluídas, vai, a largos passos, perdendo os sentidos da audição e olfato, privilegiando, dessa forma, a visão” e, curiosamente, recorda expressões recorrentes, que demonstram a impregnação da idéia do ver: “Viu aquela música? Viu o que Fulano disse?”, ao invés de “ouviu aquela música?” ou “ouviu o que Fulano disse?”. O autor, ainda em relação a isso, satiriza: “Também é interessante observar como pessoas que usam óculos, ou lentes de contato, ficam surdas sem elas”.

A especialização de alguns órgãos sensoriais foi, paulatinamente, anestesiando os demais sentidos e imergindo a sua coalescência. Strunck fala em “perda”, mas aqui se destaca, uma vez mais, que não seria propriamente uma “perda”, e sim uma “desintensificação” ou “despotencialização” de alguns sentidos, gerada pelo hábito ou por molduras convencionais.

Com base em estudos sobre o cérebro humano, Goleman (1998: 24) explicita que, antes de emoldurar-se o neocórtex, cérebro pensante e racional, havia o predomínio dos âmbitos emocional e sensorial. Sua pesquisa remonta ao cérebro réptil, também concebido como cérebro primitivo ou raiz, o qual agia para assegurar a sobrevivência e era partilhado por todas as espécies portadoras de um sistema nervoso mínimo. Ele ressalta, ainda, nesse rastreamento da evolução do cérebro humano, que o olfato, em tempos primitivos, apresentava-se como um sentido supremo para a sobrevivência. O autor acrescenta que, no lobo olfativo, algumas células, absorvendo e analisando os cheiros, detectavam a presença do parceiro sexual, do predador, da presa, e

diferenciavam o comestível do venenoso. O corpo recebia, então, mensagens reflexivas que lhe impulsionavam a abordar, fugir, morder ou cuspir. Goleman (1998: 239) afirma que o cérebro humano não está, de modo algum, completamente formado no nascimento, mas que continua moldando-se durante a vida. Explica que o ser humano nasce com uma quantidade muito maior de neurônios do que seu cérebro maduro reterá. Isso se dá por ocorrer uma espécie de “poda”, fazendo com que o cérebro desconecte ou anestesie as ligações neurais menos usadas e fortaleça outras nos circuitos mais utilizados.

Kerckhove (1997: 53), assim como muitos outros estudiosos, aposta que o advento da programação alfabética e da literacia (cultura em função do código lingüístico) represente o fundamental fator do predomínio do sentido da visão. Ele aponta que, a partir daí, começa-se, inclusive, a trabalhar mais o hemisfério esquerdo do cérebro (o qual comanda funções mais racionais, relativas à escrita e à lógica) que o direito (onde há comandos referentes à arte, ao desenho, entre outros). Sublinha, em seus estudos, que “as pessoas alfabetizadas têm tendência a traduzir a sua experiência sensorial em palavras e as suas respostas sensoriais em estruturas verbais” (1997: 122). O autor tece, ainda, uma interessante distinção entre a audição oral, a qual procura imagens, ao invés de conceitos, e pessoas, em vez de nomes, e a audição letrada, a qual processa tudo mediante palavras, do que se pode deduzir que a experiência auditiva, após o contato com o código lingüístico, se torna mais restrita e menos vívida.

Kerckhove (1997: 149) expõe, ainda, que bebês, recém-nascidos, tendem a perceber uma enorme diversidade de sons e que essa faculdade parece diminuir muito em breve, à medida que se instala em seu ambiente lingüístico familiar. Basbaum (2002: 32), por sua vez, explicita que os recém-nascidos formam esquemas primários de percepção, sem distinção de modalidades, com inter cruzamentos modais, o que os torna sinestetas, pelo menos, até os três meses de idade.

Considerando, enfim, todas essas informações, alcança-se uma compreensão mais ampla da potencialidade sensorial da espécie humana, do condicionamento cultural dos sentidos e dos efeitos deste sobre a materialidade do cérebro e do sentir do homem, o que permite concluir que, desde a protossemeiose (entendida como a origem de todo o processo de semiose) até a contemporaneidade, todos somos, ainda que parcialmente dormentes ou anestesiados, sinestetas, comprovando, de forma pragmática, os conceitos de sinequismo teleológico e de afecção comunicacional, constantes na teoria peirceana.

REFERÊNCIAS

- BASBAUM, S. R. *Sinestesia, arte e tecnologia: fundamentos de cromossonia*. São Paulo: Annablume, 2002.
- GOLEMAN, D. *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.
- KERCKHOVE, D. de. *A pele da cultura*. Lisboa: Relógio d'água, 1997.
- LEMLEY, B. ¿Ve usted lo que yo veo? Disponível em:
<<http://www.orbita.starmedia.com/~psicodelicos/sinestesia.htm>> Acesso em: 23 fev. 2003.
- PEIRCE, C. S. La Ley de la Mente. In: _____. *El hombre, un signo*. Trad de José Vericat. Barcelona: Crítica, 1988, p.251-278.
- PIMENTA, E. D. de M. *Teleantropos*. Lisboa: Estampa, 1999.
- RAMACHANDRAN, V. S.; HUBBARD, E. M. Ouvindo as cores e degustando as formas. *Scientific American*, São Paulo. Duetto, n. 13, p. 48-55, jun. 2003.
- STRUNCK, G. L. *Identidade visual: a direção do olhar*. Rio de Janeiro: Europa, 1989.